



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL	11. JAN. 1980	ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Colher os frutos antes de governar

João Caminha

A verdade para muitos é só meia-verdade. Embora julgando conhecer toda a verdade, só lhes interessa contar aos outros a meia verdade conveniente aos seus desejos.

Os exemplos sucedem-se, nesta ilusória evolução da sociedade portuguesa. No campo político os exemplos são mais chocantes quando se pretende aproveitar a ignorância prefabricada do comum dos portugueses.

Sucedeu mais uma vez, na sequência da posse do VI Governo Constitucional, a propósito do Presidente da República. Desagradou à AD o facto de o discurso de Eanes ter feito realçar a recuperação financeira do País conseguida a partir de 1977. Certos sectores da AD entraram em perfeito histerismo e houve quem tenha insinuado que tudo era falso e o País tinha ficado confuso.

A grande preocupação é a de que têm de gerir um País com uma situação financeira que melhorou de acordo com os indicadores internacionais. Cumprir a obrigação eleitoralista pesa assim muito mais. Houve alguém, e logo no primeiro dia de poder, que ousou dizer que o País não estava tão mal como o tinham pintado. Isso, foi demasiado para o falso verniz de alguns ADiados.

A evidência de um relatório

Não se vão repetir aqui os argumentos e os números do discurso em questão. Por razões óbvias. Vamos procurar, uma fonte não marxista, daquelas aceites sem pestanejar, sem dúvidas, porque vem do país da mais pura concorrência.

Há pouco tempo, dois famosos economistas americanos prepararam um relatório para uso do Banco de Portugal, onde continua a haver muito boa gente que acredita mais nas contas feitas pelos estrangeiros do que nas feitas pelos indígenas. Richard Eckaus e Lance Taylor foram os escolhidos para o referido trabalho (1).

Nesse estudo, de 33 páginas, é manifesta a melhoria da situação financeira de Portugal. Não incorreremos na confusão entre situação financeira e económica: esta é muito mais débil, mas não tão débil como alguns a descrevem.

Algumas passagens do relatório são elucidativas, no que respeita à recuperação financeira e à situação das reservas. É notório que a maioria dos governos, entre 1976 e 1979, conseguiram preservar as referidas reservas e dar de mão beijada, como lhes competia, uma situação desafogada ao novo Governo (coisa muito diferente recebeu o I Governo Constitucional do V e do VI Governos Provisórios).

Mas, vamos a citações. Comparando o serviço de dívida externa com as exportações de bens e serviços, o relatório dos homens do MIT (Massachusetts Institute of Technology) avança: «As comparações são evidentes; Portugal tem um dos mais baixos rácios de dívida pública externa entre os países considera-

dos na comparação...» (O quadro apresenta países como a Espanha, Grécia — os países candidatos à admissão na Comunidade Europeia —, Jugoslávia, México e Brasil). «Os rácios para Portugal são muito mais baixos do que para a média dos países em vias de desenvolvimento e para todos os países de rendimento».

Utilizando outro meio de análise, os resultados são ainda mais claros, quando se compararam as importações anuais cobertas pelas reservas internacionais (ouro, divisas...). «Portugal tem uma situação excepcional na dimensão das suas reservas de ouro em relação às suas importações. Espanha (...), um país com um rendimento per capita muito maior, tem menos de dois terços das reservas de ouro de Portugal e outros países em vias de desenvolvimento têm dez por cento ou menos (...). Em qualquer caso, as comparações mostram de novo que a posição das reservas portuguesas é, falando comparativamente, extraordinariamente forte, se for feita uma comparação entre as reservas líquidas ou brutas em relação com as importações.

De facto, a recente e rápida acumulação de reservas de divisas e o aumento dos preços do ouro fortaleceu de longe a natureza das comparações feitas. Neste ponto, em termos dos seus rácios de reservas, a posição por-

tuguesa é quase igual aos países produtores de petróleo».

As reservas incluem o ouro a preços de mercado, de acordo com fundamentação expressa e favorável dos referidos economistas.

Os frutos do vizinho

Já em anterior artigo («Uma economia velha») tínhamos referido que a situação económica não era de modo algum catastrófica, embora e sempre o admitimos que este estivesse longe do que necessita o povo português. Povo esse que — é bom frisá-lo — através das medidas de austeridade necessárias (exageradas nalguns aspectos), contribui de maneira relevante, também, para a recuperação financeira. Agora há que lhe dar a contrapartida. Querer desligar o passado do futuro é querer colher os frutos na árvore do vizinho.

E para que não sejamos só nós a dizê-lo, acabamos com uma frase do relatório, a que temos recorrido, e que dizia, no Verão passado, à laia de conclusão: «Deve-se caminhar com vista a ajudar a trazer ao povo português alguns dos benefícios potenciais que uma política bem sucedida criou para ele».

É evidente que os projectos da «formação para o servilismo» não querem que tais afirmações sejam proferidas, porque o seu poder se baseia na falta de informação...

Alguns números (milhões de contos):

	1976	1977	1978
Reservas Internacionais líquidas	84,5	106,4	182,5
Reservas líquidas			
Importação de bens e serviços	0,73	0,62	0,89

(1) «Macroeconomic Situation and Policies in Portugal» de Richard S. Eckaus e Lance Taylor, do Department of Economics do Massachusetts Institute of Technology, 1979.